

DEMOCRACIA VIVA

38

MARÇO 2008



ENTREVISTA

ENTREVISTA

Re.Fem



Revolta Feminina, essas duas palavras podem traduzir um pouco do enigma por trás da jovem Janaina Oliveira: feminista, rapper, cineasta, realizou a proeza de produzir um documentário com apenas R\$ 5 mil para dar visibilidade à atuação das mulheres rappers. *Rap de saia* teve repercussão nacional e internacional. Universitária pelo ProUni (Programa Universidade para Todos), é a favor das cotas, critica o ensino privado e seu próprio curso: “Tenho questionamentos muito fortes com relação à publicidade, ela está massacrando o nosso povo”.

Nascida e criada na Baixada Fluminense – região pobre e violenta do estado do Rio de Janeiro –, Re.Fem utiliza a língua afiada e o apurado senso crítico para levar ao seu público, jovens e mulheres negras de periferias, informações qualificadas sobre direitos, deveres, política, família, saúde, sexo, drogas.

Uma das organizadoras do Enjune (Encontro Nacional da Juventude Negra) e, agora, do Fórum Nacional da Juventude Negra, avisa que pretendem lançar este ano uma campanha contra o genocídio da população negra. “Se a sociedade não nos protege, as políticas públicas não nos protegem, vamos nos proteger uns aos outros porque estamos morrendo em massa. A continuar assim, daqui a alguns anos, quais serão os adultos, homens negros, que teremos? Essa galera está sumindo do mapa, isso é grave e é um problema nosso”, enfatiza.

Democracia Viva (DV) – Quem é Janaína Oliveira, quando e onde você nasceu?

Re.Fem – Não falo a data do meu nascimento há muito tempo. Parei de contar aos 15 anos de idade. Minha família toda é de Duque de Caxias, do 3º distrito, Imbariê e Parada Angélica, eu também nasci ali. Sou a mais velha de quatro irmãos. Meus pais são separados. Meu pai é ex-metalúrgico desempregado, como a maioria dos metalúrgicos no Rio de Janeiro. Minha família é muito matriarcal, as mulheres são a espinha dorsal da família, educam os filhos, trabalham, comandam tudo.

Algo comum na Baixada, mas não só lá, e também entre as famílias negras, é que os homens saem de casa e deixam as mulheres com os filhos. Na minha família, não foi diferente. Minha mãe me criou para ser totalmente independente. Se um dia casar, tiver um marido e for feliz, ótimo. Senão, vou conseguir ter meus filhos numa boa. Minha mãe construiu a casa onde a gente mora, também participei desse processo de construção, ela ensinou as filhas a fazerem de tudo.

DV – Ela trabalha fora?

Re.Fem – Minha mãe é faxineira. Desde os 15 anos de idade, trabalha em casa de família. Minhas duas avós e tias também. Da minha família, tanto materna como paterna, sou a primeira pessoa a ir para uma universidade, consegui uma bolsa pelo ProUni¹ e estou estudando Publicidade e Propaganda. Depois, pretendo fazer Jornalismo e, quando estiver mais velha, Filosofia, porque isso não dá dinheiro, né? Preciso sustentar minha família.

DV – Por que você não gosta de revelar a idade?

Re.Fem – Hip hop é uma cultura muito juvenil, apesar de já estarmos com uma geração dos 30. Temos muitas referências nessa faixa. Mas tem também uma galera mais velha, dos 40 ou mais, do Charm, que veio do movimento Black Power nos anos 70. Parei de falar a idade porque antes, quando falava, as pessoas diziam: ‘Parece que você tem 17 anos’, ‘Ah, você não aparenta a idade que tem’. Aí, resolvi: já que ninguém acredita, vou ficar nos 15 anos, preto não aparenta idade, é ótimo, a gente fica velha e ninguém percebe.

DV – Mora com sua mãe?

Re.Fem – Moro, queria muito morar sozinha, ter minha casa, mas a nossa estrutura atual não me permite. Tenho planos de, no final de 2008, ter a minha própria casa, apesar de adorar minha mãe. Morei a vida toda nessa

casa, nunca me mudei. Os filhos vão casando e fazendo casa no quintal da minha avó, onde vivemos todos juntos. Para fazer festa, não precisa convidar ninguém, só a família basta. É um quintal grande, tem de tudo, se quiser brigar, é lá mesmo; se quiser rir, também. Isso para mim foi muito importante.

DV – Estudou perto de casa?

Re.Fem – A escola que estudei a vida toda fica na esquina da minha casa. Sempre fui inteligente, nunca precisei estudar para fazer prova, eu pegava a explicação de primeira e, depois, só ficava fazendo bagunça, atrapalhava toda a turma. Até hoje, as professoras se lembram de mim.

A rua onde moro é a mais movimentada do bairro, tem muita criança brincando de jogos de rua. Minha vida foi assim, muita pipa, bola de gude. Fui acostumada na rua porque minha mãe ia trabalhar e, como irmã mais velha, tinha que cuidar dos meus irmãos. Ela deixava tudo pronto: comida, mamadeira para os mais novos. Era só esquentar e sair para a rua. Essa criação de rua me ajudou, nunca tive medo de homem. Brigava por causa de pipa, de bola. Até hoje, meus melhores amigos são homens.

DV – Essa vivência foi importante para seu ingresso no hip hop?

Re.Fem – Sim, na cultura hip hop a maioria é homem e as mulheres têm dificuldade de entrar. As brincadeiras dos meninos são sempre na rua. E as meninas, dentro de casa, protegidas, ajudando a mãe. Quando essa menina se depara com uma cultura de rua, uma cultura marginal, e não é fácil lidar com os caras, muitas desistem, têm dificuldades porque não tiveram essa vivência.

DV – Quando começou a ter contato com a cultura hip hop? Chegou a freqüentar baile funk?

Re.Fem – Meu contato com a cultura hip hop começou em 1998, foi bem tarde, já era adolescente. Fui funkeira, sim. Todos os rappers no Rio de Janeiro passaram pelo baile funk. O funk dos anos 90 era maravilhoso, era como o hip hop hoje, as letras eram conscientizadas. “Eu só quero é ser feliz” é uma letra de protesto, é um hip hop com jeito do Rio de Janeiro, aqui as pessoas são mais livres e isso se reflete na música funk.

Estava com 14 anos quando minha mãe me deixou ir ao baile funk pela primeira vez, fui com um primo. Era funkeira mesmo, de botar shortinho curto, puxava o bonde, freqüentava todos os bailes. Tinha que estar em casa até meia-noite, se chegasse um minuto

¹ Criado pelo governo brasileiro em 2005, o ProUni concede bolsas de estudos em universidades, integrais ou parciais, a estudantes de baixa renda.

atrasada, ficava um mês sem sair. O funk para mim é uma cultura muito importante que não deveria se perder. Só lamento que o conteúdo do funk hoje esteja perdido.

DV – Perdido em qual sentido?

Re.Fem – Não se trata dessa hipocrisia de dizer que funk só fala sobre sexo. Sexo é bom, a galera tem que fazer sexo mesmo. Só que nenhuma música funk fala de prevenção. Ficar grávida é uma benção, quem dera que todo sexo que se fizesse sem camisinha resultasse só em gravidez. O negócio é o suicídio, e a galera está se suicidando em massa fazendo sexo dessa maneira. Além de agredir o corpo de muitas meninas novas.

DV – Acha que está havendo sexo precoce?

Re.Fem – Sim, as pessoas são induzidas. Uma menina de 13 anos falar para as amigas que ainda é virgem é um escândalo, não é socialmente aceito. Para o menino então, é pior. Só que isso se torna uma agressão ao corpo. Meu primeiro beijo foi aos 15 anos, e foi forçado. Todas as minhas amigas já tinham beijado e eu falava que beijava muito. Um dia, as meninas falaram: ‘você não diz que pega todo mundo? Agora vai ter que ficar’. Tive que ficar com o cara, foi uma experiência horrível, não tinha nada a ver com o beijo da TV. Minha experiência sexual só aconteceu depois de 20 anos de idade. Mas o prazer sexual mesmo só fui sentir mais recentemente. O que acontece com essas meninas que começam a transar com 10, 11 anos? Elas não sentem prazer. Já conversei com jovens que tiveram iniciação sexual cedo e elas disseram que não sentiam prazer sexual de verdade no início. Isso é uma agressão ao corpo dessas meninas, como falar isso para elas?

DV – Participa de algum projeto nesse sentido?

Re.Fem – Atualmente, participo do Fórum de Jovens Negras do Estado do Rio de Janeiro e falamos muito sobre sexualidade. A idéia não é impedir as meninas de fazer sexo, por isso digo a elas: ‘sexo é bom, se seu corpo está pedindo, se for o seu momento, tudo bem, mas ainda não será aquela parada. Você só vai descobrir a parada mesmo depois, quando seu corpo amadurecer’.

DV – No seu caso, o que ajudou: orientação familiar, informação?

Re.Fem – Demorei para começar a namorar e para fazer sexo por conta da educação que recebi. Minha mãe sempre conversava comigo depois que fiquei menstruada e quando comecei a frequentar os bailes. Dizia que sexo

é bom, mas que se ficasse grávida ou doente, a responsabilidade seria minha, que ela não poderia ajudar. Da mesma forma, falou sobre as drogas, os prazeres e as seqüelas que trazem. Imagina se eu ia querer responsabilidade àquela altura da vida? Não bebo, não fumo, nunca usei drogas, nunca tive vontade nem de experimentar maconha. Quando fiz sexo já tinha terminado o segundo grau, estava numa idade em que poderia resolver meus problemas, estava preparada.

DV – Sua mãe falou sobre uso da camisinha?

Re.Fem – Quando começamos a conversar, lá pelos meus 13 anos, anos 90, ninguém tinha muita informação sobre uso da camisinha e de como se contraía o vírus da Aids. Até hoje, a Aids é um tabu na Baixada. Cheguei a transar sem camisinha, isso é muito perigoso. Antes, tomava pílula. A pressão dos caras é grande, a maioria não quer usar camisinha. Por isso, resolvi parar de tomar pílula, assim não teria como fazer sem camisinha. Conversei muito com as meninas do projeto a esse respeito. A maioria acha que porque é virgem, não tem como pegar nada, mas esquece que o cara não é mais virgem, já teve outras experiências.

DV – Pretende um dia ser mãe?

Re. Fem – Sim, quero ter seis filhos, parir três e adotar três. Quero chegar no orfanato e adotar os mais velhos, dar oportunidade, dar o que a minha mãe pôde me dar. Minha mãe não me deu tênis ou roupas de marca, danoninho, sucrilhos. Ela me deu oportunidade de estudar. Sempre dizia: ‘Você só vai trabalhar depois que terminar o segundo grau. A gente pode até passar fome, mas você não vai parar de estudar. Depois, disso, pode ser o que quiser’. Quero dar essa mesma oportunidade para meus filhos.

DV – Quando surgiu seu gosto pela música?

Re.Fem – Minha família é muito musical. Minha mãe era passista e meu pai era ritmista de escola de samba. A família inteira é mangueirense. Lembro que, ainda pequena, já dançava gafieira. Jovelina Pérola Negra é algo de que me lembro muito, de ter sempre os vinis tocando, samba, churrasco, aquela coisa de família. Tem também o lado das músicas religiosas, de igreja e do candomblé. Depois, veio o funk e pensei em ser cantora. Tinha uns concursos, mas em geral eram de funk *melody* e não gosto de ficar cantando música de amor, não queria isso.

Em toda a minha trajetória, sempre fui rebelde, crítica, questionadora, brigava. No segundo

grau, tive aula de Filosofia, foram só seis meses, mas a partir daí, comecei a organizar melhor meus pensamentos. Percebi que não precisava ser revoltada e passei a ver maneiras de questionar sem agressão. Queria falar sobre o que estava acontecendo e não achava uma forma. Aí, resolvi cantar rock. Mas como montar uma banda com toda aquela infra-estrutura? Eu não conhecia ninguém.

DV – Mas você ouvia rock?

Re.Fem – Sim, adorava. Ouvia Raimundos, Planet Hemp, gostava de punk rock, sempre nacional, não gosto de música internacional. Comecei a ouvir os Racionais MCs, era uma música pesada para quem estava acostumada com o batidão do funk e com o ritmo dançante do rock. Mas era legal, e pensei: ‘É isso que eu quero’. Mas onde tem hip hop? Tenho um primo muito louco, com uma boa situação financeira, ele foi o primeiro da família a ter computador com internet em casa. Por isso, sempre teve bom acesso às informações. Ele me levou primeiro para o baile charme em Madureira, depois começou a curtir hip hop, e eu fui acompanhando.

DV – E você se identificou de imediato?

Re.Fem – Eu achava chato porque não tinha mulheres, era um bando de homens com cara feia, ninguém ria. As raras mulheres se vestiam igual homem. Era um clima pesado Mas a música me atraiu e comecei a pensar que dava para fazer aquilo de outra forma.

DV – Foi a partir daí que começou a fazer rap?

Re.Fem – Conheci os grupos aos poucos. Era a única menina que andava no meio dos caras. Em fevereiro de 2000, eles fizeram um evento perto de casa e resolvi cantar porque não havia mulher cantando. O único show com mulheres que tinha visto foi o da Anfetaminas. Achei legal, mas não era um hip hop como o do Racionais MCs e não atingia as meninas das periferias. Depois, conheci o Negativas, gostei muito, só que ainda não tinha visto mulher cantando na Baixada, e olha que a Baixada é grande. Foi aí que resolvi. Sempre achei que a mulher tem que estar presente em tudo, ser protagonista. Não admitia que não houvesse mulher na cultura hip hop da Baixada. Assim, fiz uma música que falava de política, foi a primeira que fiz.

DV – Apresentou-se como Re.Fem? Pode falar sobre a escolha desse nome?

Re.Fem – Sim, Re.Fem significa Revolta Feminina. Revolta veio dessa necessidade de



precisar falar para as pessoas o que está acontecendo, o que me incomoda, que tinha que causar revolta no povo. E Feminina porque, quando entrei, as mulheres pareciam meninos. Por isso, fiz questão de cantar de saia, brinco, maquiagem, igual a uma menina, feminina mesmo. E fazer os caras me respeitarem por isso.

A princípio, era para ser um grupo de meninas, eu, minha irmã, minha prima e uma amiga nossa, estilo charm. Só que, uma semana antes do show, elas mudaram de idéia, ficaram com vergonha de cantar. Eu subi no palco sozinha, cantei essa música e um amigo me deu outra e fiz uma adaptação. Foi muito legal, geral gostou. De lá para cá, passei a cantar em muitos lugares.

DV – Você escreve só as letras ou faz também os arranjos musicais?

Re.Fem – Eu crio as letras e ajudo a criar a base musical, por enquanto é tudo eletrônico, com DJ, mas pretendo ainda cantar com percussão, eu adoro. Minha interferência vai no sentido de dizer como eu quero essa base, é tudo muito variado, às vezes utilizo um pouco de samba, mas o que predomina é *techno*.

Hip Hop 2000

Este ano é ano de eleição
E vai ter um político apertando a sua mão
Te dizendo que isso tudo vai mudar
Que vai ajudar a Baixada a se levantar
Mas não acredite, meu amigo
Isso é conversa
Esse cara tá querendo lhe pregar uma peça
Pois se ganhar as eleições, ele vai sumir
E tudo o que ele disse não vai cumprir.

Nas próximas produções, quero incluir bases mais brasileiras, regionalizar, não só samba, mas outros ritmos.

DV – Tem intenção de lançar um CD?

Re.Fem – Já gravei várias coletâneas, estão disponíveis na internet, mas não tenho vontade de gravar um CD só meu, solo. O que quero com o hip hop é que as pessoas escutem as minhas músicas, que elas tenham acesso livre, não quero comercializar essa informação, essa nunca foi a minha intenção. Quero que as minhas músicas cheguem até as pessoas, quem quiser, pode baixar na internet e gravar um CD copiando do computador, não quero viver disso, quero viver de cinema. Hip hop para mim é mais ativismo.

DV – Você comentou que as músicas religiosas também foram um estímulo para gostar de música. Sua família é religiosa?

Re.Fem – Atualmente, na minha família, todos têm uma religião só, evangélica. Mas antes, era misturado. Tinha os sem religião, minha bisã era evangélica e, da família do meu pai, todos eram de religião de matriz afro. Tive muito contato com esses meios. Quando estava com 7 anos, minha avó entrou para a igreja evangélica e passou a me levar. Achava muito legal, cantava no coro e fui ficando. Até hoje, estou lá. Minha igreja chama-se Remanescentes de Israel, tem poucas no Brasil, é uma mistura da religião judaica com a protestante. Toda a minha família materna pertence a essa religião, a família paterna pertence à Assembléia de Deus.

Ter uma religião é muito importante, seja qual for, temos que ter um sagrado. Porque tem algumas coisas que não têm respostas, e é legal que seja assim, mas aí buscamos

conforto na religião, no que você acredita acima de tudo. Tenho o maior prazer em estar na igreja. O dirigente sabe que canto hip hop, que se tiver que ir em um terreiro falar com a galera, irei. Não pratico religião de matriz afro, mas estou com eles, pois há um preconceito, um ódio em torno das religiões de matriz africana, e eu as defendo. Essas religiões são superimportantes para contar a nossa história. Por isso, se tiver que acampar em um terreiro para evitar uma desocupação, farei isso.

DV – Já teve alguma experiência desse tipo ou participou de algum movimento contra remoção de favelas?

Re.Fem – Diretamente não, participei de movimentos de ocupação de prédios para moradia na Central. A idéia de remoção de favelas é muito complicada. A galera nasceu e foi criada naquele bairro, muitos na zona sul, foi acostumada assim, e agora vai ser enviada para onde? Para Sepetiba, Seropédica, para lugares sem a menor estrutura? É desumano e contra os direitos daquelas pessoas, elas já teriam o direito pelo tempo de uso da terra. Se a grande preocupação é que as favelas estão contribuindo para o desmatamento, que o governo construa prédios populares, mas na mesma área. É importante discutirmos isso, e mais ainda que as pessoas que moram nas favelas falem sobre isso, discutam com o governo.

DV – Seu rap a favor do aborto não criou problemas na igreja?

Re.Fem – Na minha igreja, ninguém vigia ninguém, cada um tem seu livre-arbítrio. Não adianta julgar ninguém, quem nos julga é Deus. Se alguém quiser fazer um aborto, ninguém tem direito de mandar no seu corpo, é o que falo na música, é preciso ter informação. Graças a Deus, nunca fiquei grávida, nunca precisei decidir se faria ou não um aborto, mas se precisasse fazer, não teria problema com minha religião, seria uma decisão minha, com Deus e com meu corpo. O legal é respeitarmos nosso corpo, que é um templo, o que fizermos de errado, pagaremos. Quando você fuma, bebe, está matando aquele templo. Mas nada precisa ser proibido, basta a reflexão pessoal de cada um.

DV – Nas suas músicas, não se percebe amargura, violência, sofrimento, como é freqüente em músicas desse gênero. Por quê?

Re.Fem – Qual família, qual lugar não é um inferno? Onde moro, até hoje não é um lugar fácil. Caxias já foi conhecida como 'terra

de matador'. Até há pouco tempo, dizer que era morador de Caxias era para não arrumar emprego em lugar nenhum.

DV – Você e sua família passaram por alguma experiência violenta?

Re.Fem – Tinha mais violência familiar, doméstica. Isso é muito forte porque todos os homens eram alcoólatras e agrediam as mulheres, não fisicamente, mas muito psicologicamente. Meu pai não chegou a bater na minha mãe. Mas sempre teve a agressão psicológica, isso foi muito forte. Por ser mais velha, vivenciei situações desse tipo e tinha que fazer a mediação para não ter briga.

Nossa vida não foi fácil. Também já passei fome. Lembro de, ainda pequena, chegar na casa de vizinho com bilhete pedindo comida. Minha escola era fodida, quase não tinha professor. Enfim, a gente só tinha dinheiro, muito mal, para comer. Não tivemos acesso a muitas coisas e na ida para a escola, muitas vezes, tive que atravessar corpos furados de balas. Mas minha mãe nos ensinou que todo mundo passa por coisas ruins, apenas as situações são diferentes. Ninguém no mundo tem uma vida 100%. Mas se tornarmos isso maior que nós, não andamos.

Não tenho porque jogar isso na cara da galera que já tem essa vivência. Quero mostrar para as meninas e jovens das comunidades que há como sair, que há alternativa, que tem como fazer sua vida ficar melhor, tem uma maneira de revolucionar o seu meio, então, coloco nas músicas. O mundo somos nós que fazemos.

DV – Enfocar a questão da violência na música não seria uma forma de acabar com a naturalização da violência nas favelas, pressionar a elite e o governo?

Re.Fem – A elite e o governo não escutam rap. Não quero levar isso para o público, quero levar outro tipo de mensagem, passar uma visão que também não é a da festinha, vamos reboilar a bunda e mostrar os peitos. E também não quero mostrar só sangue, sangue, sangue. Quero mostrar que a comunidade não apenas sofre. Tem sofrimento sim, todo mundo sofre, mas não é só isso. A gente não pode desmerecer a alegria do nosso povo. Não estou dizendo que é para vender aquela idéia de pão e circo, como a prefeitura do Rio faz, acontece um problema, já bota um show na comunidade, não é isso. Sofrimento é o que a gente tem, vamos buscar outra coisa, trata-se de reconstrução o tempo inteiro.

DV – Vários rappers se apresentam como porta-vozes de suas comunidades. É o seu caso?

Re.Fem – Não, periferia é periferia em qualquer lugar. Quero falar para todo mundo, não quero me guetizar, se faço isso, uma pessoa de outra comunidade, comandada pela milícia ou por uma facção diferente, talvez não possa tocar as minhas músicas. Sabemos que isso pode acontecer, prefiro fazer algo universal.

DV – O rap não seria uma forma de quebrar essas barreiras?

Re.Fem – Com certeza, acredito nisso, tanto que vou a todo lugar. Mas algumas bandeiras eu não quero carregar, não acho que deva carregar a bandeira de Parada Angélica.

DV – E a bandeira dos(as) jovens, você quer carregar?

Re.Fem – Meu foco está muito voltado para a mulher negra, para a juventude empobrecida e para questões raciais. Muitas vezes, sou convidada a fazer parte de organizações nacionais de hip hop e não aceito. Prefiro estar disponível para qualquer uma das organizações que precisar. Tenho uma relação muito próxima com as ONGs de mulheres negras, mas são vínculos livres. Minha atuação vai mais no sentido da afirmação dessa mulher e de como ela está se virando em meio a esta sociedade caótica e como podemos conviver melhor com tudo isso, cobrando ações e políticas.

DV – E o que deve ser cobrado e de quem?

Re.Fem – Na música que canto sobre religião e informação, cobro o direito ao próprio corpo da mulher, que ela tenha direito de decidir. É possível fazer cobranças pontuais, cobrar nossos direitos de forma mais geral, o direito à cidade, o direito ao nosso corpo, o direito de ir e vir com segurança, direitos que sabemos que estão violados. E, geralmente, quem sofre mais com essas violações são a juventude e a população negra que está nas periferias.

Quanto a quem cobrar, em alguns casos, temos que cobrar de nós mesmos, alguns problemas são conseqüências das nossas próprias ações. Temos que fazer uma reflexão e cobrar de quem deve ser cobrado, seja do poder local, seja da comunidade, seja de quem for. Nas minhas músicas, estímulo o público a olhar para si mesmo, a se repensar, para depois olhar para fora.

DV – De onde vem a sua formação política?

Re.Fem – Nunca fui muito incentivada a ler, estou fazendo isso mais recentemente para buscar outros conhecimentos. Mas o hip hop



me abriu uma série de caminhos. O acesso à informação vem também do fato de que, em minha família, sempre conversamos. Por ser faxineira, minha mãe teve vários tipos diferentes de patrões, juiz, diretor de cinema, roteirista. Ela conversava com essas pessoas e depois com a gente.

Sempre fui uma pessoa mais de audiovisual, gostava de assistir a reportagens e a todos os showmícios que aconteciam na comunidade. Justamente na hora do discurso, quando muitos saíam fora, eu ficava lá, prestando atenção no que os políticos falavam. A cultura negra é mais audiovisual, é muito oral. Enquanto trançava meu cabelo, minha avó contava as histórias da família, e eu questionava muito. Na escola, questionava o que estava nos livros, principalmente os de História, discutia com os professores.

DV – Considera-se uma artista ou uma ativista?

Re.Fem – Hip hop é o ativismo artístico, as duas partes não se separam. Procuo sempre incluir isso no meu dia-a-dia. O hip hop ajudou muito na minha identificação como negra e como feminista, de buscar conhecimento para levar às pessoas, trabalhar com outros jovens. Passei a estudar e a ler mais. O hip hop me deu uma profissão, foi por causa disso que consegui meu primeiro emprego.

Ter a pele mais clara numa família de negros, a gente se torna branca. Até hoje, meu pai me chama de branca. E tinha aquela coisa de “limpar” a família, de casar com um branco para poder clarear mais a família. Agora, brigo mais

com a minha família em relação a isso. Explico a eles que, independente do tom de pele, se minha mãe e meu pai são negros, sou negra também. Se minha avó é negra, sou negra também. Na família do meu pai, todos são negros, descendentes diretos de escravizados. E na família da minha mãe, meu avó é angolano e minha avó é branca. Sou muito mais negra do que branca e passei a ter orgulho disso.

DV – Você é uma das organizadoras do Encontro Nacional da Juventude Negra, Enjune, certo?

Re.Fem – Sim, o ponto de partida dessa iniciativa foi a Marcha Zumbi+10, realizada em Brasília, em novembro de 2005. Os jovens que saíram dessa marcha resolveram organizar o Enjune porque, muitas vezes, são realizadas mobilizações do movimento negro e a juventude participa de forma dispersa, a gente não se articula. Temos uma Secretaria da Juventude no governo, mas a juventude negra não está sendo contemplada por essas ações. Ainda estamos morrendo, estamos fora das escolas, desempregados, não temos bom acesso à saúde. Por isso, resolvemos organizar esse encontro, para conversar com jovens de todo o Brasil.

DV – E qual foi o resultado da iniciativa?

Re.Fem – Primeiro, foram feitos encontros estaduais e regionais, onde tivemos oportunidade de discutir sobre tudo: saúde, educação, cultura, violência. Em cada estado, foi elaborado um documento, apresentado em julho de 2007, em Salvador, em um encontro nacional com cerca de 700 jovens. Assim, decidimos montar uma campanha, que esperamos lançar este ano, contra o genocídio da população negra. E, até maio, vamos lançar o Fórum Nacional da Juventude Negra, que vai discutir políticas públicas para essa juventude. Mas também quer fortalecer as ações de empoderamento da juventude negra que são realizadas dentro das suas comunidades. Se a sociedade não nos protege, as políticas públicas não nos protegem, vamos nos proteger uns aos outros porque estamos morrendo em massa. A continuar assim, daqui a alguns anos, quais serão os adultos, homens negros, que teremos? Essa galera está sumindo do mapa, isso é grave e é um problema nosso.

DV – O que pensa sobre ação afirmativa?

Re.Fem – Muitas pessoas falam que não é certo, não acho que deveríamos ter chegado a isso, mas não tem jeito. São 120 anos de esquecimento. Para os estrangeiros que vinham

para cá, o governo dava terra, emprego, e para a negrada que já estava aqui, com família, cultura, não dava nada. Minha avó tem memórias de tios que trabalhavam em uma fazenda como escravos, a mãe dela nasceu oito dias depois da Lei do Ventre Livre.

As ações afirmativas são um erro porque vieram muito tarde, a sociedade já estava estruturada, o poder já estava nas mãos de uma minoria étnica. Mas infelizmente, já que isso não foi feito na época da Abolição, é preciso que seja feito em algum momento, e parabéns para o governo que o fez. Temos que abraçar essa iniciativa. Se o poder não foi dividido naquela época, terá que ser dividido agora, se não for de boa vontade, terá que ser por lei. Não estamos pedindo nenhum favor, é uma questão de direito.

DV – O sistema de cotas nas universidades públicas é uma solução?

Re.Fem – Sim, temos direito de estudar, ainda há um *apartheid* educacional. Na escola pública, eu não tive aula de Química, Física, Biologia e aprendi pouco de História. O que sei foi por esforço pessoal e da minha mãe, que trazia livros dos filhos da patroa dela para que eu estudasse com um material melhor. Até hoje, as escolas públicas funcionam de um jeito para não irmos a lugar nenhum.

É também muito, muito cruel a universidade pública ser para quem pagou a vida inteira para ter informação, e nós, que viemos da escola pública, não temos acesso a uma parada que, por direito, é nossa. Pode até não ser as cotas, mas que exista uma lei para que todas as pessoas oriundas de escolas públicas tenham acesso direto à faculdade. E quem tem dinheiro, pague para estudar. Sou bolsista do ProUni e tive que estudar muito para conseguir uma vaga em uma universidade privada.

Deveria haver também cotas nas empresas porque tem a galera que conseguiu se formar, mas e daí ter o diploma na mão se o mercado de trabalho é tão fechado? Tem que meter o pé na porta, sim; temos que começar a refletir e apoiar porque, infelizmente, quem veio antes não fez isso. Vai doer? Sim, mas temos que fazer essa divisão de poderes.

DV – O que você mudaria no ProUni?

Re.Fem – O ProUni iria melhorar se funcionasse para entrarmos nas universidades públicas. Porque nas universidade privadas, a qualidade de ensino, a oportunidade que o aluno tem de pesquisa, de fazer uma boa monografia, não é boa. Percebo uma atitude

largada, um desinteresse dos alunos, eles são alienados, não têm muita visão de mercado, não percebem a importância do que estão aprendendo. Quem paga a própria faculdade, tem compromisso, mas quem pode contar com pai, avô, família para pagar, tem outra postura. Os professores atendem bem se o aluno buscar, correr atrás, senão... eu estou aprendendo porque quero muito aprender.

DV – E quando o governo paga, são mais responsáveis?

Re.Fem – É o meu caso. Tenho mais responsabilidade porque sempre quis fazer faculdade, sempre gostei de estudar e essa é uma oportunidade única. Tiro as melhores notas da sala, minha menor nota é 8. Não tenho muito contato com outros alunos do ProUni da faculdade onde estudo, mas no geral, percebo que é uma galera muito esforçada.

DV – Como conseguiu seu primeiro emprego?

Re.Fem – Foi quando comecei a cantar. Fui convidada por um amigo a participar de um seminário sobre hip hop para conhecer a galera do Rio. Até então, só lidava com a galera da Baixada. Eles estavam formando a ONG

Pelos meus filhos

Pelos meus filhos, faço guerra,
desacato autoridades
Amor de mãe é a lei de verdade
Pelos meus filhos, dizimo cidades,
invado prédios, desacato autoridades,
faço passeata no meio da cidade
Sou capaz de qualquer tipo de maldade
Ando quilômetros e milhas, subo
montanhas e trilhas, atravesso continentes
Faço guerra com seus descendentes
Arrancaria todos os meus dentes
No meu cabelo, não passaria pente
Pelos meus filhos, nado mares e rios,
arrebento correntes e trilhos
Arrancaria minha pele
para que eles não sintam frio
Pelos meus filhos.

CEACH2 (Centro de Estudos e Apoio à Cultura Hip Hop) e , no final, virei uma das coordenadoras, era a única mulher na coordenação. As reuniões aconteciam na Lapa, no Empório 100. Esse mesmo lugar era a sede da ACRAA (Associação de Comerciantes do Rio Antigo e Amigos), que organizava a Feira do Rio Antigo, na Rua do Lavradio. Eles estavam precisando de uma secretária e eu tenho essa formação, ser secretária era um sonho de criança. Trabalhei lá durante 1 ano, foi meu primeiro emprego. Depois, entrei para a Cufa, quando ainda estava no início.

DV – Você não mora em favela, mas em uma periferia. Assimila bem o nome Cufa (Central Única de Favelas)?

Re.Fem – Vejo favela como todas as periferias, o nome favela é periférico. A galera da Baixada, que está muito longe do centro do Rio, mora muito mais na favela do que quem está nas favelas da zona sul.

A experiência com a Cufa no início foi muito boa, entrei em 2002 e pude ter contato com um pessoal que se assumia como negro mesmo. Tive oportunidade de trabalhar em programa de rádio. E quando apresentava o programa na rádio Viva Rio, participei do curso de criação de documentário para rádio em que os professores eram figuras como João Moreira Salles e Eduardo Coutinho. Foi assim que me apaixonei por cinema. Empolgada, fiz um documentário para rádio que falava sobre o meu quintal. Nem tinha roteiro, peguei um gravador e fui contando histórias que acontecem lá, gravei os sons do galinheiro, do cachorro, da minha avó capinando, as crianças, brigas.

DV – E depois disso, foi estudar cinema?

Re.Fem – Sim, logo depois, veio o curso de audiovisual e cinema, com os professores Miguel Vassi, ex-coordenador do Nós do Cinema, e depois com Rodrigo Savastano e Bernardo Oliveira. Participei da primeira turma, antes da Cufa começar a crescer. Quando a organização começou a crescer, aconteciam coisas que me levaram a questionar, e quando me deparo com questionamentos sem respostas, é preferível sair. Assim, saí da Cufa em 2003. E com a ajuda dos professores, que também saíram, e de alguns alunos, comecei a correr atrás para rodar o documentário *Rap de saia*.

DV – Como foi essa experiência?

Re.Fem – A idéia inicial era rodar o documentário dentro da Cufa. Lá, tinha toda a infraestrutura, ilha de edição, equipamento, uma

equipe excelente. Mas queria saber se realmente tinha aprendido e conseguiria criar sem ter toda essa estrutura. E consegui. Escrevi um projeto, fiz o roteiro do filme e enviei para SAAP/Fase, solicitando uma verba só para produção, consegui R\$ 5 mil. Convidei a galera que estava fazendo o curso comigo para participar. Foi uma experiência incrível, aprendemos juntos.

DV – Qual seu objetivo com o documentário?

Re.Fem – Fiz o filme para dar visibilidade às mulheres da cultura hip hop. Entrevistamos todas as rappers do estado do Rio de Janeiro, mas sei que existem várias em outros estados. O mais difícil foi achar essas meninas. Quando comecei a cantar, não tinha essas referências. A partir da pesquisa realizada no livro *Acorde, hip hop*, consegui os primeiros contatos. Algumas eu só conheci no dia da entrevista mesmo. Entre grupos e artistas-solo, foram 20 personagens, fora as mães. Fiz questão de incluir as mães no filme porque elas têm um papel importante na nossa vida.

DV – O que há em comum nas mães que apóiam as filhas a serem rappers? E o que leva a família a não apoiar?

Re.Fem – Entre as mães que apóiam, percebi que todas são amigas das filhas, têm um diálogo bom e participam da vida delas, são ativas. As mães que são contra têm medo que as filhas não tenham como se sustentar com esse trabalho, que parem de estudar, que não tenham uma profissão certa. No meu caso, consegui provar para minha mãe que hip hop poderia me abrir caminhos, e abriu.

DV – Imaginava que o filme teria tanta repercussão? Qual o próximo passo?

Re.Fem – O *Rap de saia* foi uma experiência muito forte, só recebi crítica positiva e uma grande demanda de trabalho também. O lançamento foi em julho de 2006. Mas em 2004, antes de darmos o trabalho por terminado, os copíões do filme começaram a ser exibidos, a pedido das pessoas. Foi exibido no Festival do Rio, em um evento de aniversário da Fundação Palmares, em festivais na Suíça e na Alemanha, não daria para negar esses pedidos.

Depois disso, fiz alguns videoclipes. Tem um que adoro, *Rosas*, do grupo Atitude Feminina. Fala sobre violência doméstica e está sendo uma referência para palestras e debates sobre o tema no Nordeste e no Norte do país e também em escolas aqui no Rio.

Tenho planos de fazer um filme sobre o que as mães são capazes de fazer por seus filhos. A música já está pronta, falo de uma mãe que matou o esturador da sua filha e de uma mãe que era mulher de traficante, ficou viúva e assumiu seu lugar para sustentar os filhos. Não eram coisas que elas quisessem fazer, mas tiveram que fazer. Um exemplo que tenho em casa é da minha própria mãe, ela deixou de fazer várias coisas pela gente, essa música eu fiz também em homenagem a ela.

DV – Depois que saiu da Cufa, envolveu-se em algum outro movimento?

Re.Fem – Sim, além do envolvimento com a produção do filme, ajudei a formar um grupo de mulheres de hip hop chamado Quilombolas. Discutíamos o que era ser feminista, o que era ser negra e fomos convidadas a participar de um fórum sobre jovens negras. Nesse evento, conheci a ONG Coisa de Mulher, foi um amor tão grande que, no mês seguinte, a Neusa, presidenta da ONG, já estava me enviando para organizar uma oficina sobre Mulher e Tabajismo, no Rio Grande do Sul. Nunca tinha feito uma oficina nem apresentado palestra, foi mais um desafio.

Com o Cemina, outra ONG de mulheres, organizei uma coletânea de CDs sobre direitos sexuais e reprodutivos e não-violência contra a mulher. Depois, fiz trabalhos também com a ONG Criola. Foi um projeto de capacitação de mulheres rappers. Aprendemos um pouco de discotecagem, presença de palco, postura de voz, de corpo e lemos o livro da Carolina de Jesus, *O quarto de despejo*, uma das melhores literaturas negras, tem uma força, uma identificação tanto com a minha vida como a de outras mulheres negras. Depois, organizamos um show, transformando aquele texto em música, poesia, dança, foi uma experiência muito legal.

DV – Você também participa de uma rede com jovens sul-americanos?

Re.Fem – Sim, essa foi outra iniciativa bacana na qual me envolvi, feita em parceria com a Fase, com apoio da União Européia e várias outras organizações que trabalham com jovens no Mercosul e no Chile. O projeto chama-se Juventude, Direitos e Derechos. Nesse projeto, identificamos que um dos direitos mais violados tem a ver com o acesso ao lazer. A partir daí, iniciamos diálogos com as prefeituras, associações de moradores e pessoas que poderiam ajudar a mudar isso. Entramos em outras

Criminoso de Guerra

Criminoso de guerra
Criminoso de guerra
É o otário que maltrata a mulher
É um criminoso de guerra
Criminoso de guerra
Criminoso de guerra
Pois no mundo morrem mais mulheres em casa do que nas guerras.

áreas também, como o primeiro emprego, mídia, foram feitas várias ações. Em novembro de 2007, foi realizada a Semana da Juventude e Direitos na Argentina. Participaram jovens de todos esses países para discutir sobre direitos humanos e buscar ações em conjunto, trocar informações. Foi uma troca importante.

DV – Você é rapper e cineasta.

Por que escolheu fazer Publicidade e Propaganda?

Re.Fem – Escolhi porque é um curso de poder, e esse poder não está nas mãos dos pretos. E tenho questionamentos muito fortes com relação à publicidade, ela está massacrando o nosso povo, a sociedade em geral. É muito complicado chegar na favela um anúncio de tênis de R\$ 400 ou de uma bermuda de marca que custa R\$ 50, que ou você tem ou você não é ninguém. Os pais não têm essa grana. Quando arrumam trabalho, é para ganhar salário mínimo, também não vai dar para comprar. O trabalho que rende o suficiente para o adolescente comprar produtos desse tipo está na porta da casa dele, o tráfico; para as meninas, é o tráfico ou a prostituição. E aí? Que propaganda é essa?

No curso, tenho aula de Psicologia, que é do mal mesmo, a pessoa não tem como se defender, eles criam necessidade onde não existe e quem está fora da moda, está fora. Quem precisa de um celular que tira foto, filma e é rádio ao mesmo tempo? O celular serve para falar, só. É um apelo ao consumismo o tempo todo.

DV – E quanto à imagem que a mídia passa das pessoas negras?

Re.Fem – Nas propagandas, não se vê preto e, quando se vê, são imagens deturpadas. Os comerciais de shampoo são horríveis! Teve

Quebra Côco

Re.Fem largando o bicho
 e quebrando o côco
 Porque esse som aqui, amigo,
 é muito louco
 Pertença à gema, não trema,
 sou cria da Baixada
 No rap feminino, eu digo essa parada
 Sou crioula, descendente de Angola
 Guerreira hereditária, não, não largo a bola
 Driblando as barreiras, sigo meu caminho
 Com pensamento em Deus,
 faço meu destino
 Atear fogo na bomba, não é comigo
 Nem muito menos ser lambe-lambe
 de bandido
 E prossigo até agora sem inimigos
 Não vacilo, tenho noção real do perigo
 Não preciso brigar pelo meu espaço
 Sendo livre, meu lugar sou eu quem faço
 Não me envolvendo com paradas erradas
 Esse é o motivo pelo qual ainda estou
 na estrada
 E sigo rindo de quem não acreditou,
 ficaram parados, tomaram gol
 Sem distinção, posso estar em todos
 os ambientes
 Posso estar com indigente e até
 com o presidente
 Sou mulher e quero ser valorizada
 Representante feminina da Baixada
 Onde a maioria sofre de alienação
 Só valoriza o corpo e a mente, não
 Esse som, muitos ouvem e não entendem
 Pois são rimas próprias da nossa gente
 É som de preto, meu nego, se liga aqui
 Chegando, fique esperto
 que o som é isso aí.

um comercial para cabelos de mulheres negras, em que a mulher aparecia dançando funk, se esfregando no cara. Por que aquela coisa sensual para falar de cabelo? Por que não posso ter meu cabelo duro? Por que os comerciais direcionados para o preto são sexualizados, vulgarizados ou precisam ter samba? Tem mulher negra que não gosta de samba nem sabe sambar. É por isso que estou fazendo Publicidade, quero mostrar que dá para fazer uma nova mídia. Quando terminar, vou fazer mais um ano e me formar em Jornalismo também. Quero uma mídia negra, estou fazendo cinema porque quero a imagem da mulher negra no cinema do jeito que ela é.

DV – A revista Raça cumpre esse papel?

Re.Fem – É uma revista legal, é a única revista mesmo que mostra preto. Só posso parabenizar, a galera passa o maior sufoco para manter a publicação. Ela reflete um pouco da sociedade negra que a gente tem, meio padronizada, européia, algo que temos que rever.

DV – Gostou do filme *Antônias*?

Re.Fem – Tenho algumas críticas, mas se formos pensar que não é um documentário, é ficção, foi importante porque visibilizou as mulheres na cultura hip hop, agora somos mais aceitas. O que fiquei triste no filme é que as meninas estão muito inocentes e é muito drama e sofrimento para um grupo de rappers só. Percebe-se que o roteiro traz uma visão totalmente de fora, de quem não tem contato com a periferia.

DV – Como está vendo a política, os partidos, o jogo duro do poder?

Re.Fem – A imagem que tenho da política é a de um cabo de guerra, só que de quatro lados: uns puxam para um lado; outros, para o outro lado; alguns caem; outros se levantam, mas o tempo inteiro, é uma guerra política, uma negociação constante e muito difícil. Em algum momento da vida, pensei: 'Vou me candidatar porque vou revolucionar alguma coisa'. Só que não é bem assim, posso me candidatar, ganhar, mas se quiser, por exemplo, aprovar a lei que descriminaliza o aborto, vou precisar dos votos dos outros. Para negociar, talvez tenha que ceder naquilo que não considero certo, é faca no coração. Passei a prestar muito mais atenção nisso a partir do governo Lula, um cara que ajudei a colocar lá, em quem acredito. Vejo a galera só metendo o chicote, o cara faz uma ótima política, só que muito do que ele não fez ou não pôde fazer foi por causa desse jogo político. Aprendi que não

depende só dele, não depende só do vereador, do deputado federal ou do senador que ajudei a eleger. Depende de toda uma conjuntura política, algo que é muito delicado e complicado.

DV – Sobre a questão do aborto, não acha que o Congresso está expressando o que pensa a sociedade, que é conservadora e não quer enfrentar a questão?

Re.Fem – A questão do aborto é política, sim, porque depende da votação do Congresso, mas é mais ligada à religião. Nosso país é laico só no papel. A Igreja Católica sempre montou seus quadros políticos e, agora, a Igreja Evangélica também está fazendo isso. Ninguém está vendo o lado das mulheres, se o homem engravidasse, o aborto já teria sido legalizado. A maioria do Congresso é homem e, agora, com essa influência religiosa lá dentro, ficou pior. A sociedade está se conscientizando, está entendendo que não se pode ver a questão do aborto por aí, só não caminhamos mais nisso porque a Igreja vem e diz: 'É pecado, não questiona'.

DV – Na sua análise, a juventude hoje participa mais da política?

Re.Fem – De uns 10 anos para cá, percebo que aumentou muito a participação da

juventude na política. A juventude está muito organizada, está questionando, querendo saber o que está acontecendo. Correndo para tirar o título de eleitor. Recentemente, na Baixada, participei do encontro Juventude e Direitos. Cada grupo de jovens reunido identificou e apontou o que estava faltando em sua comunidade. Muitos apontaram a questão do lazer, não há praças, não há um ponto de encontro para a juventude. Muitos se organizaram e foram até as prefeituras, até as Regiões Administrativas exigir, conheceram seus administradores, começaram a tomar gosto.

Outro bom exemplo na Baixada é o Grupo Enraizados, de Nova Iguaçu. Eles praticamente moram no prédio da prefeitura. Organizaram a Escola de Formação de Militantes, conseguiram câmeras e saem pelas ruas da cidade, filmando, entrevistando as pessoas. Já fizeram documentário sobre primeiro emprego, sobre espaço público, saneamento. Outro exemplo é a galeira do Setor BR, em Mesquita, que vem desenvolvendo um bom trabalho com a prefeitura. Em São João de Meriti, percebo também que há um diálogo forte da juventude com a prefeitura. Penso que, nestas eleições municipais, a participação da juventude, principalmente na Baixada, vai ser muito mais forte. ■

Participaram desta entrevista

Convidadas

Eliane Ribeiro
Regina Novaes
(Integrantes da pesquisa Juventude e Integração Sul-americana)
Santuza Cambraia Naves
(PUC-RJ)

Do Ibase

AnaCris Bittencourt
Cândido Grzybowski
Carlos Daniel da Costa
Carlos Tautz
David Silva
Dulce Pandolfi
Fátima Moreira
Gabriel Gonçalves
Jamile Chequer
Maurício Santoro
Patrícia Lânes
Sheila Pereira

Realização

Decupagem e edição
AnaCris Bittencourt

Fotos
Marcus Vini

Produção
Geni Macedo

